



O discípulo cristão, o mundo e a responsabilidade teológica: intuições em diálogo com Dietrich Bonhoeffer

The christian disciple, the world and theological
responsibility: intuitions in dialogue with Dietrich
Bonhoeffer

*Walace Alexsander A. Cruz**

FAJE

Recebido em: 13/04/2024. Aceito em: 26/05/2024.

Resumo: *Dietrich Bonhoeffer assumiu o ethos protestante: sua vida foi uma encarnação da contestação profética contra aquele que simbolizava o diabólico – Adolf Hitler –, assim como, uma militância contundente contra uma estrutura opressora que manifestava, de modo radical, as forças do AntiReino, a saber, o inescrupuloso e abjeto regime nazista. Sua luta não partia de um ideologismo político-partidário de oposição. Mas, estava fundado e impulsionado pelas exigências do seguimento de Jesus Cristo. Nosso artigo, portanto, objetiva investigar a) o que significa – no pensamento bonhoefferiano – ser discípulo? b) como o discípulo/a cristão deve interpretar e se relacionar com o mundo? c) qual ou quais exigências estão postas ao discípulo/a de Jesus Cristo em relação ao espectro político? Nossa pesquisa, guiada pela investigação bibliográfica/documental nos mostra como resultados, a) que ser discípulo/a exige, mas transcende a dimensão da confessionalidade, implica, em sentido último, na encarnação do Encarnado, b) que o mundo se apresenta ao discípulo/a cristão como lugar teológico e, c) o discipulado requer o dever de assumir a responsabilidade teológico-política.*

Palavras-chave: *discipulado; totalitarismo; responsabilidade teológica; ação necessária; mundo.*

* Doutorando em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, Belo Horizonte). Bolsista CAPES/PROEX. Belo Horizonte, 2024. Mestre em Filosofia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, Belo Horizonte, 2022).

E-mail: professorwalacealexander@yahoo.com.





Abstract: *Dietrich Bonhoeffer assumed the Protestant ethos: his life was an incarnation of the prophetic protest against the one who symbolized the diabolical – Adolf Hitler –, as well as a forceful militancy against an oppressive structure that manifested, in a radical way, the forces of the Anti-Kingdom, namely, the unscrupulous and abject Nazi regime. His fight did not come from an opposition political-party ideologism. But, it was founded and driven by the demands of following Jesus Christ. Our article, therefore, aims to investigate a) what does it mean – in Bonhoefferian thought – to be a disciple? b) how should the Christian disciple interpret and relate to the world? c) what demands are placed on the disciple of Jesus Christ in relation to the political spectrum? Our research, guided by bibliographical/documentary investigation, shows us as results, a) that being a disciple requires, but transcends the dimension of confessionality, implies, in the ultimate sense, in the incarnation of the Incarnate, b) that the world presents itself to the disciple/a Christian as a theological place and, c) discipleship requires the duty to assume theological-political responsibility.*

Keywords: *discipleship; totalitarianism; theological responsibility; necessary action; world.*

1 Tempos sombrios: notas introdutórias/históricas

Dietrich Bonhoeffer, jovem pastor e teólogo alemão, abraçou o desafio do seguimento de Jesus Cristo. Para ele, não havia discipulado sem disposição, decisão e entrega inteiras. Sua teologia, assim como sua vida – cujo fim foi o martírio – são testemunhas fidedignas desta compreensão subscrita em sua fé e práxis, aliás, um binômio bem amalgamado em sua existencialidade, precisamente porque a autenticidade de uma fé está evidenciada na sua encarnação, experimentação e testemunho práticos. Em *Discipulado*, pondera:

Uma vez chamado, o ser humano tem de abandonar a existência que levava até então [...] tem de abrir mão de tudo que viveu; o que é velho deverá ficar para trás. O discípulo deixa sua relativa segurança de vida e segue para a completa insegurança (isto é, na realidade, para a absoluta segurança e proteção da comunhão com Jesus); deixa uma situação aparentemente previsível e calculável (mas, na verdade, muito imprevisível) para a imprevisibilidade, para o acaso total (quer dizer, para a única coisa que é necessária e previsível); deixa o domínio das possibilidades limitadas (isto é, de fato, das possibilidades infinitas) para o domínio das possibilidades infinitas (ou seja, para a única realidade libertadora) (Bonhoeffer, 2011, p. 33).

A seriedade e profundidade do que Bonhoeffer reflete e intui nesta ponderação citada, nos torna cristalizado o período histórico em que



viveu, os desafios que estavam postos àquele/a que se decidia pelo seguimento de Jesus Cristo, de modo mais claro: à periculosidade amalgamada a decisão de ser – autenticamente – cristão naquela dada contextualidade. Façamos então, uma necessária, ainda que breve síntese, da conjuntura sociopolítica e/ou sócio-eclesial na qual nosso teólogo estava inserido.

Segundo Hannah Arendt (2008, p. 12)

a história conhece muitos períodos de tempos sombrios, em que o âmbito público se obscureceu e o mundo se tornou tão dúbio que as pessoas deixaram de pedir qualquer coisa à política além de que mostre a devida consideração pelos seus interesses vitais e liberdade pessoal.

Não há dúvidas de que o nazismo está catalogado na história, como uma das páginas mais sombrias de todo o intercurso da civilização humana.

Primo Levi, um sobrevivente a esta abjeta barbárie foi cirúrgico ao ponderar que, “não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem” (Primo Levi, 1988, p. 32). Aniquilação que aqui, não tem apenas o sentido corporal, quer dizer, de assassinato ou, como foi o nazismo, de genocídio, mas antes mesmo destes, a aniquilação do próprio humano enquanto pessoa; ser. O nazismo não objetivava apenas o genocídio de corporalidades, mas o extermínio da pessoa, de sua dignidade, de sua consciência de ser; ser-humano. O regime hitlerista tinha em seu programa a espoliação, a humilhação, em síntese, a desumanização. Laurence Rees observa:

De maneira vergonhosa, valentões nazistas faziam judeus lavarem as ruas esfregando o chão, numa demonstração de humilhação pública [...] William Shirer, um correspondente americano, foi testemunha dos abusos em Viena. Relatos de sadismo de todo tipo [...] faziam homens e mulheres limparem latrinas. Centenas [...] simplesmente pegavam as pessoas aleatoriamente na rua para limpar os banheiros de garotos nazistas (Rees, 2022, p. 144).

A ideologia genocida de Hitler não queria apenas o extermínio de um povo, mas a erradicação/apagamento de sua memória. O plano se concretizava a partir da demonização de sua imagem, de uma propaganda repetitiva, insistente e incansável que ligava aqueles que elegera como seus inimigos, à incorporação do próprio mal. Em *Mein Kampf*, que se tornou um manual programático do nazismo, Hitler escreveu:



Dediquei-me nos primeiros tempos da minha atividade partidária à propaganda. Por essa propaganda dever-se-ia conseguir, pouco a pouco, um pequeno número de indivíduos, convencidos da nova ideia, os quais formariam assim o material que, mais tarde, poderia fornecer os primeiros elementos de uma organização. Visávamos mais a propaganda que a organização. Quando um movimento tem como finalidade demolir uma situação existente para reconstruir, em seu lugar, um mundo novo, é preciso que os líderes estejam todos acordados sobre os seguintes princípios fundamentais: cada movimento deve dividir o estoque humano conquistado para a causa em dois grandes grupos: adesistas e combatentes. O dever da propaganda adesista é alistar adesistas, o da organização é conquistar combatentes. Adesista de um movimento é aquele que aceita a sua finalidade; combatente, aquele que luta pela mesma. O adesista é alistado para um movimento por meio da propaganda.

Propaganda, palavra-chave no programa nazista. Recordamos, grosso modo, que a Alemanha vinha de uma derrota na 1ª Guerra Mundial, de uma indignação com o Tratado de Versalhes (1919), mecanismo que culpava e penalizava os alemães pela guerra e suas consequências. O orgulho alemão estava ferido, sua imagem internacional desfigurada, o país falido, o caos instaurado. Para Hitler, o cenário ideal para propagandear suas ideias. Resgatar o orgulho alemão, restaurar sua soberania – o que incluía diretamente a reconquista de uma estável economia –, vingar os males causados pelos inimigos e, por fim, o delírio, fazer (re) nascer uma suposta raça pura, ariana: eis os elementos capitais da propaganda de Hitler, que pouco a pouco, como ele predissera, obteve de forma massiva adesistas, assim como, combatentes.

Laurence Rees nos dá conta do êxito do projeto hitlerista, “nas eleições de setembro de 1930, os nazistas tiveram mais de seis milhões de votos e se tornaram o segundo maior partido político do Reichstag. Foi um resultado impressionante. Milhões de alemães, que antes haviam rejeitado Hitler e os nazistas, de repente voltaram-se para eles naqueles tempos desesperados” (Rees, 2022, p. 66). Seu programa estava minuciosamente sendo cumprido, inclusive, na dinâmica da fomentação da polarização. A criação ou o aproveitamento do caos para fins ideológico-políticos é uma velha, mas sempre eficiente tática. Eleger um inimigo que cumpra o papel de responsável pelo caos, é, no jogo político, imprescindível, e Hitler o fez com diabólica maestria.

Os judeus são postos neste lugar de culpabilidade. “A propaganda nazista repetia infundáveis vezes que os judeus eram os responsáveis



pelo ‘bolchevismo’, pelo odioso Tratado de Versalhes e pela corrupção do capitalismo que provocara a depressão econômica”, mais, “os judeus eram associados ao comunismo” (Rees, 2022, p. 67). Uma vez que a propaganda foi comprada, e interiorizada como verdade, pela maior parte da população alemã, os portais estavam abertos para a implantação do totalitarismo. Hannah Arendt aponta que,

o estabelecimento de um regime totalitário requer a apresentação do terror como instrumento necessário para a realização de uma ideologia específica, e essa ideologia deve obter a adesão de muitos, até mesmo da maioria, antes que o terror possa ser estabelecido (Arendt, 2012, p. 30).

E foi.

É importante destacar – ao contrário do que se acredita no senso comum –, que o nazismo não foi um programa genocida cuja brutalidade teve apenas nos judeus seu alvo. No projeto hitlerista, o mundo era compreendido de modo inteiramente reducionista, na dualidade, arianos e não-arianos. Em linhas gerais, se o objetivo era uma raça pura, logo, todos os que não tivessem essa suposta pureza racial estavam determinados para o extermínio. É o caso, por exemplo, dos ciganos, homossexuais e testemunhas de Jeová (Rees, 2022, p. 152-159). Não seria, a meu ver, exagero algum considerar o nazismo como uma das principais – senão a principal – indústria mortífera e desumanizadora da História. Primo Levi nos afeta, ou ao menos deveríamos nos deixar afetar, com sua reflexão, “destruir o homem é difícil; quase tanto como criá-lo: custou, levou tempo, mas vocês, alemães [nazistas], conseguiram” (PRIMO LEVI, 1988, p. 219).

2 Igreja: confissão e ação

A Igreja Oficial¹ estava na base de apoio ao Führer. Uma inescrupulosa contradição a Jesus Cristo e ao evangelho, portanto, ao *mínus* do que implica ser discípulo/a. “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8,12), esta metáfora que alude ao ser-existir do *Verbo Encarnado*, é também um

¹ Com esta expressão, aludimos à Igreja Nacional do Reich, cuja origem se situa na expressão alemã *Reichskirche*. Ela é – digamos assim –, o produto da política nazista do *Gleichschaltung*, um sistema que padronizou as igrejas protestantes na Alemanha, obrigando-as a se unificarem, mantendo apoio e fidelidade incondicional ao Führer, esta tornou-se uma única igreja, a “Igreja Oficial” alemã.



programa que coloca os fundamentos ontológicos do ser-cristão, tanto quanto, um imperativo ético do dever-cristão.

Podemos ainda qualificar tal enunciado do evangelho, como uma *missio Dei* dos discípulos/as, a saber, iluminar um mundo perpassado pelas sombras, que aludem, por exemplo, às opressões, injustiças, espoliações, abusos, corrupções etc. Segundo a Sagrada Escritura, “vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14). São Paulo ponderou, “no meio de uma geração má e perversa [...] brilha como estrelas no mundo” (Fl 2, 15). A contradição da Igreja Oficial nos abre o horizonte para as reflexões bonhoefferianas de dois aspectos do ser-existir cristão: confissão e ação.

2.1 Confissão:

“E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15), a pergunta de Jesus direcionada a Pedro ecoa no transcorrer da história, a cada pessoa humana. O evangelho interpela-nos hoje, como ontem, e sempre. Esta não é uma questão qualquer, mas uma pergunta cuja resposta evidencia o sentido ontológico mais profundo do nosso ser, assim como, traz à luz nosso compromisso ético-existencial. A resposta de Pedro, aponta não apenas para quem é Jesus – a saber, o Cristo –, mas revela quem é o próprio Pedro, mais, desvela quem é cada um, que lida com essa mesma interpelação.

A rigor, não é possível ser um cristão anônimo. Justamente porque o cristianismo exige de seus aderentes uma resposta, mais precisamente, uma resposta pública. A confissão está no substrato do cristianismo, “todo aquele, pois, que se declarar por mim diante dos homens, também eu me declarei por ele diante do Pai que está nos céus. Quem, porém, me renegar diante dos homens, também eu o renegarei diante de meu Pai que está nos céus” (Mt 10,32-33). A confessionalidade é uma exigência do seguimento de Jesus Cristo, quem nega a fazê-lo – publicamente –, por conseguinte, nega o próprio Senhor, e por ele, segundo a Sagrada Escritura, será negado. Logo, o cristianismo se configura como uma religião não apenas credal – constituída por Credos –, mas também, confessional.

2.2 Ação:

Confissão sem ação equivaleria – segundo são Tiago – à fé sem obras, ou seja, morta. É na ação que se manifesta e ganha corpo a



confissão. O que se confessa com os lábios é legitimado pelo *modus operandi* de vida. Bonhoeffer entendeu e fez da sua uma amostra disso. Para ele, teologia e vida não eram realidades divergentes ou mesmo dicotômicas, pelo contrário, ambas deveriam estar entrelaçadas, intercambiadas; amalgamadas. Refutava a ideia de teologia como mera especulação teórico-conceitual sem fundamento no chão bruto da vida e sem incidência na realidade vivida. Teologia não podia ser uma dimensão paralela ao mundo, mas uma realidade a ser encarnada *dentro* do mundo.

Em sentido último, o discípulo/a, mais que um ser confessante, é um *ser-que-encarna*. Ou seja, o cristão faz da vida uma encarnação do *Encarnado*. “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Jesus Cristo – segundo a Sagrada Escritura, a Tradição e o Magistério da Igreja – é o próprio Deus-Filho encarnado. Ele é aquele que, “no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1). São João teologiza, “e o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único” (Jo 1,14). No mistério trinitário – confessam os cristãos nicenos –, Jesus Cristo é a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o Filho; o *Verbo Eterno*, “aquele-que-é, aquele-que-era e aquele-que-vem” (Ap 1,8). Em Jesus Cristo – eis o mistério da fé cristã – Deus estava encarnado, como o prometido Emanuel de Is 7,14, ou seja, Deus conosco.

Assim, na contramão de um gnosticismo em moda nos séculos I-II, que, grosso modo, sacralizava a alma e demonizava o corpo e divinizava o mundo transcendente e diabolizava o imanente, na encarnação do *Verbo Eterno*, o mundo, a realidade, o presente ganha novas significações. O evento Jesus Cristo reconfigura todo nosso olhar para o próximo, para o mundo, “temos de aprender a olhar as pessoas menos pelo que fazem e deixam de fazer e mais pelo que sofrem. A única relação fecunda com as pessoas – e especialmente com as fracas – é a do amor, isto é, a vontade de ter comunhão com elas. O próprio Deus não desprezou os seres humanos, mas tornou-se humano por causa deles” (Bonhoeffer, 2015, p. 35). Para o discípulo/a de Jesus Cristo é incongruente confessar amar Deus, mas não se importar com o mundo amado por Deus (Jo 3,16). É uma contradição gritante confessar o *Encarnado*, mas não o encarnar como paradigma absoluto de sua ação.



3 Mundo como lugar teológico e a responsabilidade teológica do cristão

Para o discípulo/a de Jesus Cristo, é justamente o mundo o lugar teológico *propter excellentiam*. Afinal, é este mundo, e tão somente ele, que temos como lugar de ação. Segundo a Sagrada Escritura:

Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher os criaram. Deus os abençoou e lhes disse: “sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a [...] Deus disse: “eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão semente: isso vos será por alimento” (Gn 1,27-29).

Leonardo Boff observa, “há neste relato bíblico não uma cosmologia propriamente dita, mas uma narrativa na qual aparece o sentido transcendente do universo, o lugar do ser humano nele” (Boff, 1999, p. 67). Em linhas gerais, Boff tece uma crítica aos sistemas capitalistas, globalizantes, utilitaristas e tecnicistas que lidam com o humano e o planeta como objetos a serem explorados, como coisas quaisquer a serem usadas, denuncia a coisificação da vida humana, e da vida do planeta. O teólogo brasileiro nos chama a atenção para a realidade da terra como o grande oprimido (Boff, 1999, p. 167), e, o que vem ao encontro de nossa reflexão, para o dever do *humano para com o humano*, assim como, do humano para com o planeta.

Em sua reflexão, Boff aponta para o lugar do humano no planeta. Ao contrário de uma predominante perspectiva antropocêntrica – ou se quiser, egocêntrica –, não é o humano o centro do planeta. A protologia aponta para a cristologia, quer dizer, toda a criação é uma seta que aponta para aquele que a articula e realiza, o *Verbo Eterno*. “Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (Jo 1,3), são Paulo, “porque tudo é dele, por ele e para ele” (Rm 11,36). Em sentido último, a criação foi feita para a encarnação. Ao final, na consumação escatológica enunciada na esperança cristã, “o próprio Filho submeterá àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos” (1Cor 15,28). Mas, no *ainda-não* que pervade o mistério da fé cristã, em resposta à interpelação de Boff, fica claro qual o lugar do humano neste mundo, o daquele que cuida. Ou, segundo Bonhoeffer, o da “ação responsável” (Bonhoeffer, 2015, p. 40).

Portanto, o discípulo/a de Jesus Cristo, jamais se permite cair em qualquer alienação sociopolítica, tampouco, o outro lado do perigo: na



doutrinação ideológica. No evangelho irrompe nele/a, a consciência de que o seguimento de Jesus Cristo, não é um escapismo que nos deixa indiferentes ao coração pulsante da realidade histórica, tampouco, uma espera passiva por um futuro utópico que nos anestesia e paralisa quanto ao presente momento. Aliás, Bonhoeffer se colocava como crítico mordaz a este modo “cristão” de ser:

Há pessoas que não levam a sério e cristãos que consideram ímpio esperar um futuro terreno melhor e prepara-se para ele. Eles acreditam no caos, na desordem, na catástrofe como sentido dos eventos atuais e esquivam-se, por meio da resignação ou da piedosa fuga do mundo, da responsabilidade pela continuidade da vida, pela reconstrução e pelas próximas gerações. Pode até acontecer que amanhã irrompa o dia do juízo final; então, sim, largaremos de bom grado o trabalho em favor de um futuro melhor; antes disso não (Bonhoeffer, 2015, p. 41-42).

A fé cristã exige a responsabilidade pela continuidade da vida. Portanto, a defesa contra toda empreitada destrutiva do mundo, o empenho pela reconstrução da mundaneidade destruída pela brutalidade humana. O discípulo de Jesus Cristo é um reconstrutor de mundo. Bonhoeffer desferia sua crítica diretamente ao nazismo (sistema destruidor de mundos) e à Igreja Oficial. Mas também, a todo nicho e/ou pessoa que se assume como cristão cuja vida não evidencia a tangibilidade de sua conversão a Jesus Cristo. Assim, em Bonhoeffer emerge uma ideia de eclesiologia militante. Significa que para nosso teólogo, a Igreja deve viver na dinâmica deste binômio: confessante-militante.

Segundo o evangelho, Jesus Cristo ordenou aos seus discípulos “portanto, ide” (Mt 16,15). O imperativo é a saída cujo intuito é anunciar o evangelho. A boa notícia – significado de *evangelium* –, é a vitória de Jesus Cristo, o morto-redivivo. Nele irrompe a realidade do *Reino de Deus*, este mistério escatológico que anuncia e materializa o reinado divino sobre a terra/humano, a instauração de um novo *éon*. Em Jesus Cristo, “as coisas velhas se passaram e tudo se fez novo” (2Cor 5,17). Segundo o Catecismo Católico-Romano (2000, p. 219, n. 761), “a Igreja é o Reino de Cristo já misteriosamente presente”. Ou seja, a Igreja é a semente germinada no solo do mundo, dela floresce a realidade paradoxal do reinado de Deus, que há de vir e, ao mesmo tempo, já está presente (Lc 17,21).

Nessa perspectiva eclesiológica, Bonhoeffer rechaça toda postura passiva e/ou petrificada da Igreja. Antes, aponta que Jesus Cristo



infunde na Igreja esta responsabilidade pelo mundo. Assim, ao cristão, resta apenas uma posição, “ação necessária” (Bonhoeffer, 2015, p. 29). Ou seja, *agir* ocorre como um necessário de primeira ordem diante de toda força diabólica e/ou desumanizadora que estão atuantes no mundo. A maioria expressiva dos “cristãos” alemães haviam se amedrontado diante de tal vocação. Bonhoeffer exortava-os, e sua interpelação vem ao nosso encontro:

Quem aguentará firme? Somente quem não tiver como critério último sua própria razão, seu princípio, sua consciência moral, sua liberdade, sua virtude, mas quem estiver disposto a sacrificar tudo isso quando, na fé e baseado apenas em Deus, for chamado à ação obediente e responsável, a pessoa responsável, cuja vida nada pretende ser do que a resposta à pergunta e ao chamado de Deus. Onde estão essas pessoas responsáveis? (Bonhoeffer, 2015, p. 30).

O destino de Bonhoeffer teria sido outro, caso coadunasse com a Igreja Oficial e apoiasse o Führer, todavia, sua vocação revelou-se como um chamado à resistência. Diante de si teve a oportunidade de se manter nos EUA, ser um teólogo e professor universitário bem-sucedido, se casar com sua amada noiva – Maria Wedemeyer –, ter filhos, construir sua família, conquistar posses e bens, vivendo confortavelmente. Contudo, sua perspectiva da fé cristã entendia que a covardia era uma contradição, quiçá, uma traição ao existir cristão.

4 Discipulado e radicalidade no seguimento de Jesus Cristo

O cristianismo se caracteriza como uma religião de adesão, não – como se viu nas cruzadas medievais – pela imposição. Segundo o evangelho, Jesus Cristo disse “se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8,34). O caminho do discipulado, portanto, pressupõe disposição e querer, como respostas primeiras a um chamado. Uma multidão, e mais especificamente, os doze discípulos – segundo testemunho dos evangelhos – seguiram Jesus Cristo a partir de uma vontade e interesse pessoais (Mt 4,18-22; Mc 3,13-19). Logo, o tornar-se discípulo/a pervade a subjetividade, implica numa decisão, que não é qualquer, mas radical.

Tal radicalidade do seguimento de Jesus Cristo está enunciado no evangelho: supõe a negação de si mesmo, e por fim, a crucifixão (Mc



8,34). Segundo são Paulo, “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20). Tal negação de si mesmo, repercute o mistério fulcral de Jesus Cristo, a saber, a tríade encarnação-morte-ressurreição. Não é acaso que, “em Antioquia os discípulos, pela primeira vez, receberam o nome de cristãos” (At 11,26). Na vida dos discípulos/as estão refletidos a vida, obra, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Assim, o discípulo/a é, no mistério – ou, mistagogia – da fé, um morto-ressuscitado, porque sua vida se funda e ganha significação naquele que é, o morto-redivivo (Ap 1,18). Tal binômio não pode ser desmembrado. A fé no *ressuscitado* é, de igual modo, fé no *crucificado*. São Paulo proclamava, “nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura” (1Cor 1,23). Mais, crer no *Crucificado* implica em estar crucificado com o *Crucificado*. São Paulo, “o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo” (Gl 6,14b). Morte e ressurreição são duas facetas de um único mistério. São, portanto, duas experiências inerentes à mesma realidade de fé. Portanto, em sentido último, ser discípulo/a implica no *continuum* morrer-viver em/com Jesus Cristo.

Conclusão

Nosso trabalho partiu de uma contextualização histórica cujo objetivo era situar o lugar, os acontecimentos, as tensões e dramas que atravessam a Alemanha em que viveu nosso teólogo em análise, Dietrich Bonhoeffer. Enquanto a Igreja Oficial assumiu uma aliança ou, cedeu à pressão hitlerista e abraçou o regime nazista, o sentido de ser-cristão sofria uma necessidade capital de reflexão, reconsideração e, principalmente, de corajosa adesão cuja evidência estava na ação responsável. A investigação nos deixou latente que no pensamento bonhoefferiano o ser discípulo/a se caracteriza por uma confessionalidade que não se envergonha (ou, acovarda) de assumir publicamente a fé em Jesus Cristo, como salvador e senhor, sobretudo, em um mundo que se afirma cada vez mais pós-cristão.

Entretanto, o transcorrer da pesquisa apontou que o *múnus* do discipulado transcende a confessionalidade e se materializa na ação. É na realidade pragmática que a confissão teológica ganha tangibilidade. Portanto, o seguidor de Jesus Cristo é, por exigência, um ser do



confessar-agir. Daí, o mundo se apresenta ao discípulo/a como lugar teológico ou, se preferir, como lugar da ação emergente de uma responsabilidade teológica. O discípulo de Jesus Cristo, portanto, não é jamais um fugitivo/escapista, mas propositivo/interventivo. Sua ação manifesta-se como uma antecipação escatológica do *Reino de Deus*, na dinâmica do é/virá que está no bojo da esperança cristã.

Bonhoeffer, portanto, nos ajuda a entender a ontologia do ser-cristão, do que significa: tornar-se discípulo de Jesus Cristo. Esclarece-nos que o discípulo/a assume na fé, um dever confessional, sobretudo, ético. Ser-cristão implica diretamente em ser-para-os-outros. Discipulado implica em viver uma vida contínua de doação de si. Não há teologia autêntica que se mantenha nos limites da teoria e especulação. A teologia cristã, em sentido último, se realiza numa vida que encarna sua confissão.

Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo, antisemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo. Companhia das Letras, 2012.

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro. Redume-Dumará, 1994.

BALTHASAR, Hans Urs Von. *Quem é Cristão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

BARTH, Karl. *Introdução à teologia Evangélica*. São Leopoldo: Sínodal, 1979.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2022.

BÍBLIA SAGRADA: Tradução Oficial da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2018.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOFF, Leonardo. *A graça libertadora no mundo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.



BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

BOFF, Leonardo. *Igreja, carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1982.

BOFF, Leonardo. *O caminhar da Igreja com os oprimidos: do Vale de lágrimas à Terra Prometida*. Rio de Janeiro: Editora Codecri Ltda, 1980.

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 13. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. Edición y traducción de Lluís Duch. Madrid: Trotta, 2000.

BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal: Faculdades EST, 2015.

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

BONHOEFFER, Dietrich. *Prédicas e Alocuções*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

BONHOEFFER, Dietrich. *Tentação*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições CNBB, 2000.

GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.

HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo. Editora Moraes, 1983.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LADARIA, Luis. *Jesus Cristo salvação de todos*. Petrópolis: Vozes, 2021.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

TAVARES, Sinivaldo S. *A cruz de Jesus e o sofrimento no mundo: a contribuição da Teologia da Libertação latino-americana*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.



TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

REES, Laurence. *O Holocausto: uma nova história*. São Paulo: Vestígio, 2022.

SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.